

Beira-Mar

Pedro Nava

POEMAS

Alphonsus de Guimaraens Filho

Nei Leandro de Castro

APRESENTAÇÃO

André Botelho

Copyright © 2013 by Paulo Penido / Ateliê Editorial
Publicado sob licença de Ateliê Editorial.
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897, Cotia, SP — 06709-300
Copyright da apresentação © André Botelho

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Elisa von Randow

Imagem de capa
Obra sem título de Marina Rheingantz, lápis de cor sobre papel, 14,8 x 21 cm.

Imagem de quarta capa
Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Pesquisa iconográfica
André Botelho
André Bittencourt

Imagens do Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Preparação
Jacob Lebensztayn

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nava, Pedro, 1903-1984.
Beira-mar / Pedro Nava. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2224-0

1. Autores brasileiros — Biografia 2. Memórias autobiográficas
3. Nava, Pedro, 1903-1984 I. Botelho, André. II. Título.

13-00041

CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Autores brasileiros : Memórias : Literatura brasileira 869.98
2. Autores brasileiros : Reminiscências : Literatura brasileira 869.98

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Canção da manhã mais matinal <i>por Alphonsus de Guimaraens Filho</i>	9
Lendo Pedro Nava <i>por Nei Leandro de Castro</i>	11
O modernismo barroco de Pedro Nava <i>por André Botelho</i>	13

Beira-Mar

1. Bar do Ponto	33
2. Rua da Bahia	155
3. Avenida Mantiqueira	271
4. Rua Niquelina	387

Anexo I — Sete palmos de terra translúcida	503
Anexo II — Sou a Sabina...	509
Anexo III — Brotoeja literária	511
Índice onomástico	513

1. Bar do Ponto

PONTO — PORQUE ERA O LOCAL DA ESTAÇÃO DOS BONDES. Vejo-a ainda, construção meio de tijolo, meio de madeira, com três entradas sem portas, pintada a óleo e dotada dum torreão para o relógio. Seu verde era semelhante ao dos pistaches e contrastava, qual outra cor, com os verdes dos seis renques de árvores da avenida Afonso Pena e com os mais numerosos do Parque. Porque a estação debruçava-se sobre ele, naquele ponto de inflexão da rua da Bahia. Todo esse trecho urbano tivera seus logradouros regularizados à custa de aterros e o grande jardim ficara lá embaixo, acessível, aí, pela escadinha por onde desciam condutores e motorneiros para sua mijadinha nas folhas e à noite, pares, sob a vista gorda dos gerentes da estação que emprestavam as chaves do portãozinho mediante pecúnia e que nunca viam quem descia depressa, se agarrando e subia depois, separado e a passo de cada dia. Bar — pelo café que lhe ficava em frente, escancarado para a vida pública. Só entravam senhores. Logo à frente, à esquerda, um armário quiosque de metal brunido como ouro vivo, aquecido por forninho inferior e em cujas prateleiras estavam sempre quentes os bolinhos de car-

ne, os pastéis, as empadinhas de galinha. Eram o fino do fino e custavam respectivamente tostão, tostão, duzentão. O balcão e a estante dos cigarros — Londres, mistura especial, maço, pacote. O roliço 17. Petit Londrinos. Yolanda verde, Yolanda azul, Liberty oval ou redondo. *Bout-dorées, boutes de rose. Pour la Noblesse*, a 2\$000, para a freguesia certa e selecionada: Pedrinho Moreira, o Zinho Fonseca, Serafim Loureiro, Marcelo Brandão, os Pimentéis e os Melo Franco quando vinham a Belo Horizonte. Fósforo Pinheiro e Brilhante, dos grandes, dos pequenos, de pinho-do-paraná ou dos de cera — com fama de darem peso. As filas de mesas cujos pés de ferro fundido imitavam o ensarilhado rústico de três galhos de madeira sobre os quais repousavam os tampos de mármore. As cadeiras pretas. A freguesia habitual do cafezinho e da conversa. A especial e mais demorada, das cervejadas ostensivas ou da cachacinha pudicamente tomada em xícaras, para não escandalizar a Família Mineira passando na rua. Os garçons já conheciam os fregueses envergonhados e traziam a talagada dentro da louça inocente — só que o pires vinha sem colher. Geralmente a turma da bebida ficava mais para o fundo, junto da porta que dava para os depósitos, para a latrina sempre quebrada, descarga enguiçada, cheia até às bordas; para o mictório de cimento cheirando à amônia de sua nata esbranquiçada que a água não lavava. No terço central do café, a clientela do dito, da conversa de negócio ou de ócio e a gritaria da turma do futebol. Torcedores e jogadores do Atlético, do América, do Yale, do Palestra; veteranos do Dezesete de Dezembro, do Sport Club ou dos times do campeonato de 1904 — os do Vespúcio, do Colombo, do Plínio, do Mineiro, do Estrada. Na fila da frente, os mirones que apreciavam o movimento, a passagem das moças. O café chamado *Bar do Ponto* estava para Belo Horizonte como a *Brahma* para o Rio. Servia de referência. No Bar do Ponto. Em frente ao Bar do Ponto. Na esquina do Bar do Ponto. Encontros de amigos, encontros de obrigação. O nome acabou extrapolando, se estendendo, ultrapassando o estabelecimento, passando a designar o polígono formado pelo cruzamento de Afonso Pena com Bahia — local onde termina também a ladeira da rua dos Tupis. Enraizou-se tanto na toponímia da cidade que fez desaparecer, imaginem! o nome do alferes — praça Tiradentes — que figurava nos antigos mapas de Belo Horizonte. Além de usurpar a do herói, a designação Bar do Ponto excedeu-se psicologicamente e passou a compreender todo um pequeno bairro não oficial mas

oficioso: o que se pode colocar dentro do círculo cujo centro seria o da praça e cujo raio cortasse a esquina de Goiás, um pouco de Goitacases, o cruzamento de Tupis com Espírito Santo, que tornasse a Afonso Pena, descesse Tamoios, entrasse no Parque defronte ao início do viaduto Santa Teresa e voltasse à origem depois de reincursionar na espinha dorsal de Afonso Pena. Dentro deste círculo, tudo é Bar do Ponto. Moro no Bar do Ponto — poderia dizer o seu Artur Haas. Minha farmácia é praticamente no Bar do Ponto, informaria licitamente o seu Ismael Libânio. Fora destes limites, logo fora, seria absurdo falar em Bar do Ponto porque as referências já seriam o Poni, o Colosso, o Estrela, São José e, no lado oposto, o Palácio da Justiça.

Considerado como o vazio formado pelo cruzamento e encontro de três logradouros e desenhado por retas de esquina a esquina, o Bar do Ponto é um vasto hexágono irregular que tive várias vezes a honra de atravessar, no tempo em que se o fazia flanando, conversando, sem esperar o *pare!* e o *siga!* da luz vermelha, da verde, das mangas brancas dos guardas e do trilo de seus apitos. Quem saía da Estação, sob a sombra das árvores da sarjeta, entrava sob a dos ficus (ramalhudos como as faias de Virgílio!) e chegava ao primeiro renque de palmeiras. Parava. Olhava os lados do Mercado, cujo arvoredado denso fechava o horizonte. Para os do Cruzeiro, no alto. Lá estava a parede da serra do Curral lembrando, daquele ponto, um pássaro caído e de asas abertas. O albatroz de Baudelaire — repetindo comparação que já fiz no meu *Balão cativo*. Hoje as casas — de tanto o galgarem — como que baixaram à altura do *cercado*. Ainda parado, olhava os altos de Tupis onde começava o céu, quando acabava a rua. Azul, de dia. Ourissangue, de tarde. Outra vez palmeiras, ficus, árvores da beira da calçada. A esquina de seu Artur Haas. Dali, quem atravessa Bahia, pisa no trecho mais importante de Belo Horizonte. As lajes de Afonso Pena que vão desse canto ao de Tupis. Nela se abriam as portas de três instituições. Eram a elegantesíssima casa de artigos masculinos, a *Sapataria Central*, propriedade, primeiro, dum lusíada chamado Albino e, depois, de Joaquim Meirelles; a *Papelaria e Livraria de Oliveira & Costa*, sucessores da razão Oliveira, Mesquita & Companhia; finalmente, o café, o nosso *Bar do Ponto*. Quem passava nesse trecho ilustre de Afonso Pena (e passava Belo Horizonte inteira) era varado pelos fogos cruzados dos olhares e comentários dos que estavam dentro daquelas três casas e grupinhos formados à beira da calçada. Às

vezes, vinha-se alvoroçado, de dentro, correndo até à porta, para assistir à passagem de uma das melhores das boas — menina e moça irresistível no seu grande chapéu de tagal enfeitado de largas fitas, no seu vestido de palha de seda, nas meias marrons moldando bem-aventuradas pernas e combinando com a cor dos sapatos rasos ainda sem salto alto.

Senhoras da alta. Catraias inexplicavelmente desgarradas àquela hora do dia em tal lugar. Desaforo! A famosa mulata Iracema dos olhos profundos, dos sorrisos promissores e das nádegas de turbilhão. As linguinhas trabalhavam, sobretudo dentro do Bar do Ponto. Que pernas, que seios os desta garota. Pode ser vesga, mas em toda a zona não há outra de cama como ela. Pague cinquentão e experimente. Esta é larga e úmida. Dizem que aquela madama está dando. Quem está comendo é o. Esta, agora, não. Cada uma recebia seu comentário e os meus contemporâneos de Belo Horizonte poderiam escrever um nome exato debaixo de cada esboço que estou fazendo. O último seria o da esfaimada que passeava seu furor uterino do Bar do Ponto ao Mercado, do Mercado ao Bar do Ponto até apanhar um bagre na tarrafa de sorrisos e olhares que atirava em cima de tudo quanto era macho solto debaixo dos figos. Os senhores também não escapavam. Nem os moços. Aqueles dois agora estão inseparáveis — parece que deram pra putos. Será possível? Juro pela felicidade de minha mãe. Depois da galhada dos veados, a especificação de outros chifres. Curtos e polipontais como os das girafas, elegantes e finos como os dos monteses, torcicolados e zodiacais como os de Áries, imensos e ornamentais como os de Amon e mais os de rena, hipotrago, boi, touro, bode, carneiro. Estudavam-se as pontas, as curvas, as espirais convinháveis a cada biotipo e temperamento. As que calhavam aos bravios, aos complacentes, aos mansos, aos que não sabiam, aos sonsos, aos cabrões escrachados. Fungava-se de rir quando se concluía que cada corno tem o chifre que merece. Até os mochos encontravam símiles. Na rua cruzavam-se homens e mulheres. Uns se conheciam, se comentavam, se cumprimentavam. Outros não se sabiam mas todos se olhavam e faziam chispar no ar da cidade (do mundo) os fios das pupilas carregados de vigilância, precotela, desconfiança, curiosidade, indiferença, antipatia, inimizade, interesse, chiste, desejo, concupiscência, tédio, ódio gratuito, intenções de bater e vaga vontade de matar.

Quem queria ir até as lindes do *Grande Bar do Ponto* podia descer um pouco de Bahia, renteando o triângulo ocupado pelo Correio antigo. Era justamente o lado onde se abria o portão que dava entrada ao misterioso *Colis-Postaux* e logo se batia de cara com a reta do viaduto Santa Teresa. Essa construção de cimento armado comporta um grande vão e sua estrutura é levantada por enormes arcos de concreto que têm largura de cerca de metro. Sua altura é vertiginosa. Pois era esse o caminho escolhido pelo poeta de minha geração quando ia tarde para sua casa, na Floresta. Em vez da pista ponte escolhia suas parábolas de sustentação e passava por cima delas aos ventos vendo rolar embaixo os trens da Central. Um dia foi interpelado, cá de baixo, por um guarda-civil. O senhor não pode usar esse caminho — e *esteje preso*. Das alturas veio resposta anuente. Aceito a prisão mas o senhor venha me prender cá em cima. O guarda topou o desafio, aliviou-se das botinas, da túnica e começou a subida. Ao fim duns poucos metros deu-se conta da elevação em que se achava e tomado de vertigem e daquela doçura frouxa do períneo que nos vem na borda dos abismos, ajoelhou, pôs-se de gatinhas, atracou firme no semicírculo e deixou-se escorregar de marcha à ré. Embaixo recompôs-se e para salvar a face, gritou para as negruras da noite que relaxava a prisão. O poeta tranquilo iniciou sua descida pela outra vertente. Depois de Bahia o passeante podia continuar a circular os Correios, agora subindo Tamoios no trecho de que já falei, onde ficavam a casa do dr. Haberfeld e a dos irmãos Caldeira. (A um, vi morto quando eu era menino e ele me assombra até hoje. Já contei essa história — uma das gêneses de meu poema “O defunto”).

O prédio ocupado pelo antigo Correio era uma linda edificação que ficava dentro do triângulo formado por Bahia, Tamoios e, à frente, pela avenida Afonso Pena. Era róseo, de arestas pintadas de branco, alternando largos janelões com elegantes janelas finas. Tinha porão habitável, dois pisos e seu maior requinte estava no vestíbulo cuja altura era a dos seus dois andares, juntos. As escadas e a galeria circundante superior eram de uma serralheria tão graciosa como as antigas e muito semelhantes, as cariocas, da *Garnier* e da *Torre-Eiffel* — na velha rua do Ouvidor. Entrava-se na repartição postal por Afonso Pena e caía-se na doçura luz do hall, tamisada pelas imensas claraboias. Era grande como praça pública e servia para encontros de toda sorte, inclusive os de amor. Era deserto e discreto. O magnífico exemplar de arquitetura da

belle époque foi derrubado para dar lugar a um arranha-céu e a repartição passou para defronte, sempre na avenida, para outro próprio federal — o da Delegacia fiscal, por sua vez mudada para casarão quase pronto — que vinha sendo levantado como obra de santa Engrácia, no mesmo logradouro, na esquina defronte do *Automóvel Clube*. Quem chegava às larguras da travessia de Espírito Santo e Tamoios sobre a avenida contemplava dali as cercaduras — dum lado, do templo protestante e do outro, da matriz de São José. Essa igreja é bem-proporcionada e antigamente suas três torres destacavam-se no céu livre de Belo Horizonte. Hoje ela encolheu, perdeu altura, esmagada pela paliçada de arranha-céus construída nas suas costas. Da via pública subia-se ao adro por escadaria imponente — trinta e oito degraus, interrompidos por três patamares. Assim como o viaduto de Santa Teresa ligou-se à história do modernismo pelas acrobacias do poeta da geração dos 25, aqueles degraus pertencem também à história do admirável grupo dito de 45. Um dos seus componentes era aficionado a descer e subir, de automóvel, a rampa escabrosa. E era sentados nos seus degraus, na noite impossível de Belo Horizonte, que Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Murilo Rubião, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino — puxavam sua angústia. Como nós, vinte anos antes, na esquina de Álvares Cabral e Bahia, abancados nos degraus da Caixa Econômica. Como deveis ter feito também, moços de 1965. Como o fareis, meninos de hoje que tereis vinte anos em 1985. E assim para o sempre de todo o sempre. Amém. Outro caminho para chegar aos confins do *Grande Bar do Ponto* era subir a ladeira de Tupis. Pouca coisa para ver. Do lado esquerdo, virando a esquina, a porta do *Hotel Globo*: seus cômodos e dependências ocupavam todo o andar que correspondia, embaixo, à Sapataria Central, ao Oliveira & Costa, ao café *Bar do Ponto* e, em Bahia, à loja do Giacomo Aluotto. Logo depois da porta do hotel vinha uma farmácia de cujas portas assisti, certa noite, alegre partida para Venda-Nova, do automóvel aberto dirigido pelo *Mata-Feio*. O mulato queixudo e simpático levava grupo ruidoso de duas prostiputas da Olímpia e dois boêmios dos mais façanhudos da cidade. Já tinham se abastecido de vinho e vitualhas no *Estrela* e agora vinham acabar de carregar na botica. Nesses tempos, anteriores à fiscalização dos tóxicos, era fácil e ostensivo. Os moços nem desceram. Gritaram para os caixeiros: “Vamos, depressa, uma garrafa de éter, um pacote de algodão e dois

bonecos de cocaína”. E chispavam por baixo dos ficus, demandando a estrada subúrbio com seu luar de prata e a nevasca das prises geladas. Tempo aquele...

O resto da rua era deserto e pacato. Na outra esquina de Tupis ficava a *Joalheria Diamantina*. Para cima, à direita, corria um muro cinzento, ou melhor, mureta arrematada por pequenas colunas e seu para-peito. Dava tudo para os fundos da antiga Delegacia Fiscal, depois Correios e Telégrafos (estou me referindo à segunda sede dos Correios e Telégrafos não à terceira e atual). Pois testemunhei ali um salto olímpico de meu saudoso Lucas Machado que jamais poderei esquecer. Era dia de motim e queima de bondes. De estudantes corridos pela cavalaria. Um grupo fugiu por Tupis. Eu consegui me acoitar nas folhagens do jardim da casa da esquina do Espírito Santo, onde mais tarde moraria o seu Roberto Corrieri. Foi dali que divisei um Lucas Machado subindo rente ao chão que, justo no momento em que ia ser apanhado por espal-deirada fulgurante — bateu a mão em cima do muro, levantou-se e pulou para dentro das trevas do terreno da Delegacia Fiscal. Mal sabia meu colega que o nível dessas terras fora alterado e que ficava a alguns metros abaixo do da rua. Despenhou num abismo. Lumbago consequente, dente quebrado e tornozelo torcido. Dois meses sem jogar no América. A modos que essas fintas, fugindo de milícia enfurecida, eram uma especialidade de Machado. Afonso Arinos e eu ouvimos do pai de Lucas, do vero coronel Virgílio, que ele, um dia, assistia no largo de São Francisco a corrimaças da soldadesca imperial e de moços da Politécnica. Eis que vê um praça cavalgar contra ele, de ferro ao vento. O coronel estava junto ao Patriarca e num salto mortal de costas (de que ele próprio não sabia como fora capaz!) caiu dentro dos matos que havia atrás do gradil — entre cujas moitas moitou. Nessa volta que estamos fazendo do *Grande Bar do Ponto*, se por Tupis virarmos para a esquerda e continuarmos o círculo imaginário, vamos sair em Goitacases, perto da casa da baronesa de Caldas (que vejo ainda com seus cabelos de neve, magra, sempre de preto e olhos Ribeiro da Luz). Continuando, cortamos Bahia, mais o Teatro Municipal e os terrenos baldios de sua retaguarda, reatravessamos Afonso Pena, entramos no Parque e dele saímos em cima do viaduto Santa Teresa. Subimos uns metros e novamente estamos na esquina de seu Artur Haas. E agora, sim, vamos pisar solo sagrado: o quarteirão de Bahia que vai do Bar do Ponto propriamente dito até às esquinas fron-

teiras de Goiás e Goitacases. Vamos, Pedro. Dá teus braços de dezessete anos ao Cavalcanti, ao Chico Pires e retoma com eles essa ladeira. *Três moços subindo a rua da Bahia.*

Todos os caminhos iam à rua da Bahia... Da rua da Bahia partiam vias para os fundos do fim do mundo, para os tramontes dos acaba-minas... A simples reta urbana... Mas seria uma reta? ou antes, a curva? Era a reta, a reta sem tempo, a reta continente dos segredos dos infinitos paralelos. E era a curva. A imarcescível curva, épura dos passos projetados, imanência das cicloides, círculo infinito...

PEDRO NAVA, "Evocação da rua da Bahia"

Se bem que Bahia começasse muito mais embaixo, na zona ferroviária dos seus limites confusos com Januária, o que ia daí, passando pelo jardim da Estação, não contava e o primeiro quarteirão do logradouro era o que descrevemos e que vamos subir, agora, peregrinando no tempo. Estamos em 1921 e no lado ímpar. A primeira porta encontrada era a da casa de seu Artur Haas. Logo acima, no número 893, ficava a *Bonbonnière Suíça*, onde o simpático Carlos Norder e sua família forneciam doçuras às moças que sempre entravam ali, pretexto para demorar um pouco na rua da Bahia. Motivo para suas calçadas viverem cheias de almofadinhas que dardejavam sobre os intangíveis olhares hipnóticos e vez que outra arriscavam sua palavrinha. Não me lembro bem se depois da Suíça vinha o Coscarelli de baixo ou o Trianon ou se esse é que se instalou onde tinha sido a alfaiataria. Outros técnicos em rua da Bahia, como o Teixeira e o Chico Martins, que esclareçam a dúvida. O Trianon era outra instituição. Desde cedo, seu proprietário, chamado Otaviano Soares, nortista palavroso, convivente e duma pilhéria prodigiosa, e o Mário, seu gerente e dono de uma chalaça irresistível — desdobravam-se para a clientela. Havia a hora cheia do aperitivo da manhã tomado em pé, no lado da loja onde se vendiam frutas, por cavalheiros que se abasteciam das ditas para levar para as senhoras. Aquilo era tapume para uma cervejinha rápida, para a cachacinha disfarçada, ou o conhaque, o uísque, o Porto, o Madeira, o *otonjim* (*old-tom-gim*). Depois morria o movimento e todo o dia era de freguesia familiar e escassa. Senhoras

com suas filhas e pimpolhos para degustarem sorvetes e alagarem-se de soda, de gasosa. Às quatro da tarde, quando se fechavam as repartições e desciam os funcionários, começava o movimento mais firme dos aperitivos e da cerveja com as maiores, as melhores, as mais suntuosas empadinhas que já comi no mundo. Eram pulverulentas apesar de gordurosas, tostadas na tampa, moles do seu recheio farto de galinha ou camarão. Desfaziam-se na boca. Difundiam-se no sangue. Também custavam quatrocentos réis — preço absurdo para a época. Outra hora oca, correspondendo à da janta da Família Mineira. Nova enchente à noite. A freguesia transitória dos sorvetes, depois das sessões de cinema; a mais prolongada das cervejadas pachorrentas com descidas periódicas das escadas de trás, para a visita aos mictórios incomodamente colocados no porão. Tinha de se chegar a eles sempre a vau, pulando pelas zonas secas do chão alagado das mijadas incoordenadas e sem pontaria do pessoal cheio. Havia os que cervejavam noite inteira, uns ostensivamente, a mesa atufalhada de garrafas, sob o olhar reprovador do velhote cheio de compostura que bebia horas a fio, sempre correto e conveniente, mas de meia em meia brahma de que o garçom tinha de tirar o casco vazio e só noutra viagem trazer nova meia garrafinha. De meia em meia, a galinha enche o papo. Às onze em ponto ele retirava-se lotado, subindo a rua num zigue-zague cheio de austeridade. Havia os do uísque prolongado, geralmente a turma que ficava ali fazendo hora para *descer*. Havia moradores que ingressavam às quatro e saíam depois de meia-noite quando o Otaviano mandava cerrar. Tudo que se passava no Trianon era minuciosamente observado em frente, das janelas da d. Sinhá do seu Avelino e da varanda da d. Lulu Fonseca. Sabia-se assim a ordem em que tinham passado por lá eu, o Cavalcanti, o Chico Pires, o Zegão, o Isador, o Cisalpino, o Chico Martins, o Renato, o Tancredo, o Plínio, o Batista, o Abel, o Omar, o João Franco, o Las Casas, o Loureiro, o Aroeira, o Vicente, o Chico Leite, o Dormevil, os Pimentéis, o Raul Franco, o Juca Ferraz, o Alves Branco, o seu Jorge Vilela. Um por um. Era como se nossos nomes ficassem num livro de ponto. E as senhoras da frente e suas convidadas, para assistirem de palanque ao espetáculo das libações, sabiam exatamente o que e o quanto cada um bebia ou consumia de empadinhas ou o que levava de frutas e latas gratulatórias para as esposas trancadas nos gineceus. Vinha depois o Fioravanti com freguesia mais ruidosa de estudantes e famílias menos grã-finas, passava-se

um gradil e chegava-se à esquina de Goiás e ao Municipal. Havia os andares de cima do bloco formado pelas lojas que descrevemos. Escritórios de médicos, advogados. Uma só família: a Alevatto. O seu Alevatto era italiano mas parecia um mouro, de tão moreno e do negrume natural dos cabelos e dos bigodes. Usava sempre chapéu de palha, vivia mamando seu charuto, era tão taciturno e avaro de cumprimentos como a esposa era extrovertida e amável: senhora de feições moças, com os cabelos quase brancos, contrastando com os do marido. Tinham vários filhos e filhas. Destas, além de Hilda e Lina, lembro de Marta e Clélia, principalmente de Clélia, que eu admirava ao piano e na graça com que dançava. Dançar tão bem quanto ela as danças da época — tango argentino, tango brasileiro, puladinho, mazurca, ragtime, o foxtrote ortodoxo e suas variantes *fox-red* e *fox-blues* — só conheci outras duas: Bebê Pedro Paulo e Ceci Dolabela.

Quem atravessava Bahia na altura de Goiás ia dar direto na esquina de Goitacases onde ficava a Casa Narciso. Aí acabava o Grande Bar do Ponto. Para retornar ao seu miolo temos de descer pelo lado par. Por cima do térreo do seu Narciso ficava a residência da família Rocha Melo. As moças faziam questão de que fossem sílabas agudas as duas primeiras dos seus nomes e corrigiam sempre quem as chamava de *Dôlôres* ou *Mêrcêdes*. Eu me chamo *Dólôres* e minha irmã *Mércêdes*. Ou vice-versa. Seguiam-se prédios de um andar onde ficavam no 936 a *Papelaria e Tipografia Brasil*, do Sila Veloso, no 928 a Farmácia Americana do plácido e amável seu Ismael Libânio. Era a mais importante de Belo Horizonte. Fornecia para o Estado e era representante exclusivíssima da Casa Lutz Ferrando & Cia. Concorria para sua popularidade entre os rapazes a simpatia do Heitor da farmácia,* que pela amabilidade e pelo trato foi um precursor das relações públicas de hoje. Era mais discreto que um tûmulo quando fiava aos moços do clube as aspirinas e os sais de frutas das ressacas; os preventivos — camisa de vênus e pomadas de Metchnikof; os curativos — arsenobenzóis, Aluetina, permanganato, coleval, oxicianureto, os pipos; o denunciante iodofórmio (“Leve xerofórmio — é mais caro mas não fede tanto a remédio”). Logo abaixo o mais novo prédio do quarteirão, o segundo Parc-Royal — hoje, talvez, a mais velha

* Heitor Gomes dos Santos.

entre as edificações do local. Ainda descendo era a Casa Decat, artigos dentários, onde o proprietário parecia um convalescente: ar sempre exausto, fisionomia desanimada de quem acaba de levantar de doença grave. Em cima dessa loja morava o comendador Avelino Fernandes, cônsul de Portugal, nosso amigo. Encostado era a charutaria Flor de Minas e nos seus altos vivia a família de outro comendador, o seu Fonseca, sempre visível à varanda, saboreando o movimento da rua. Muito alinhado, estava permanentemente de colarinho, gravata e vestido num paletó de fazenda fresca e clara. Era casado com a d. Lulu, irmã do velho Olímpio Moreira. Tinham vários filhos mas vale mencionar desde já o Zinho, com sua cara de ator português e o moço mais elegante da cidade. Achava Belo Horizonte impossível e só vestia do Rio de Janeiro. Merecera até quadrinha de João Guimarães Alves.

Zinho, eu não falo por mal,
não andes só, Zinho, assim.
Olha que o Parc-Royal
te pega pra manequim...

Seguia-se o prédio fabuloso cujo andar térreo era o *Cinema Odeon*, que tinha a honra de ser sobrepujado pelo piso do *Clube Belo Horizonte*. Nada por enquanto sobre esses templos onde teremos de voltar várias vezes. Últimas portas desse trecho de Bahia, as do Giacomo Aluotto, com o balcão das loterias, dum discreto joguinho de bicho e a fileira de cadeiras de engraxate — onde era freguês diário, invariavelmente tronando no primeiro assento e logo depois do meio-dia, o dr. Hugo Werneck. Polidos os sapatos, ele subia a pé para o consultório que ocupava todo o prédio vizinho da Farmácia Abreu. Tais a moralidade e a prudência do ginecologista ilustre que nenhuma porta do dito consultório era dotada de fechadura ou tramela: todos de vaivém. Da Casa Giacomo virava-se a esquina e era novamente o Bar do Ponto. Essa zona que acabo de descrever era o centro da vida citadina. Ali desfilava toda sua população a pé, de bonde, de automóvel, nos últimos carros puxados por magras parelhas. Passavam. Dos Desembargadores da Relação ao Mingote; do presidente do estado ao Parreirinhas; dos senhores deputados cavando simpatia aos agiotas atarefados, tocaiando seus devedores mais relapsos — funcionários dos Correios, dos Telégrafos, da Delegacia Fiscal. Ficavam de alcateia nas esquinas,

caçando os retardatários a quem sussurravam ameaças de protesto. Eram o apoplético Murta, o dulçoroso Moreira, o lépido Randazzio que, apesar da perna seca e da muleta, andava mais depressa que muito são. Passavam os automóveis fechados dos secretários e à noite, os de capota arriada da Olímpia, da Rosa, da Leonídia, da Carmem, da Petronilha e da Brunatti, exibindo a mercadoria chegada no último carregamento e que vinha encomendada dos empórios dos rufiões de São Paulo e do Rio. Eram uruguaiaias, espanholas, francesas, polacas, italianas. Não falando no elemento nacional. Aquela exibição indignava a Família Mineira. Essa também se representava à hora das compras ou à hora do cinema, as mãos comboiando as filhas inabordáveis. E o enxame dos estudantes contando histórias, falando, rindo, olhando as amadas, sofrendo ou sentindo-se subitamente transportados. Bastava um olhar. Eu conheci esse pedaço do belo belo Belorizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores de corno augustas, discuti e neguei. Conhecia todo mundo. Cada pedra das calçadas, cada tijolo das sarjetas, seus bueiros, os postes, as árvores. Distinguia seus odores e suas cores de todas as horas. Seu sol, sua chuva, seus calores e seu frio. Ali vivi de meus dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos 1920. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só, existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete trezentos e quarenta e três ferros pungindo em brasa.

Não tinha jeito de o homem ficar quieto. Sua vida seria sempre um ir e vir sem parar. Refiro-me ao Major, meu avô materno. Um belo dia ele chegou com prima Gracinha, de Antônio Dias Abaixo para onde se mudara para manter a posse das sesmarias deixadas pelo Halfeld. Mas agora desistia de tanta demanda, estava velho, ia para sua terra e esperaria tranquilamente a hora da morte. Essa sua mudança foi pretexto dum verdadeiro *branle-bas* nos seus guardados e ele passava o dia distribuindo objetos, jogando fora roupas velhas, suas fardas da Briosas, suas espadas ferrugentas, as do pai Visconde — do Paraguai, da Corte. Chegou a vez dos retratos de família e da papelada do Halfeld. Passava com maços tirados de suas gavetas, atravessava sala de jantar, copa, cozinha e despejava tudo nas latas usadas de querosene que nos serviam de

lixadeiras. Aquela liquidação apertou meu coração. Ousei pedir. Se ele não quisesse mais eu guardava aqueles documentos e os retratos. Querer não quero, a prova é que estou pondo fora. Agora se você se interessa por esse restolho todo, fique com ele. Só que não quero ver mais essa porcariada na minha frente. E que lhe aproveitem. Aproveitaram. Sem esse arquivo eu não teria podido completar a história de minha família materna e seria impossível o *Bau de ossos*. Amarrei tudo em pacotes e arrumei o que sobrara do “escritório do Jaguaribe”, dos armários de minha avó Maria Luísa, na casa de Juiz de Fora, em dois dunquerques da sala de visitas e tornei-me assim proprietário legítimo desse espólio. Em agosto o Major, a mulher e o enteado seguiram para o Ceará. Pouco se demoraram na Fortaleza e estabeleceram-se em Lavras, daquele estado, terra da madrastra de minha Mãe e onde o seu pai ocuparia o posto de inspetor geral dos Telégrafos até cair para morrer. Para seu embarque, tinham chegado do norte de Minas o Nelo, tia Dedeta, as filhas. Ele também estava farto do sertão e vinha tentar Belo Horizonte. Ficamos, pois, morando todos juntos, na casa do Major. Ele não exigiu aluguel. Tínhamos assim teto garantido. Meu tio que era homem de enorme atividade logo meteu-se com a colônia italiana, virou, mexeu e começou com empreitadas que lhe davam para viver. Além disso tinha um bico na Secretaria da Agricultura que, ao apagar das luzes, o Major lhe arranjava por intermédio do dr. Álvaro da Silveira. Ficamos meia a meia na casa da rua Caraça 72. Apesar de auxiliada pela família de meu Pai e de desenvolver um trabalho sem parar, apesar de eu estar para me empregar, cedo vimos que na divisão de contas sempre nos endividaríamos com os Selmi Dei. Foi quando minha Mãe decidiu aumentar nosso orçamento tornando-se funcionária pública. Aliás essa era a segunda vez que isso lhe passava pela cabeça. Da primeira, conversara com o pai. O Major concordara, mexera-se e viera com o que lhe fora possível. Minha Mãe seria nomeada professora de trabalhos no Grupo Escolar de Arassuaí, por obra e graça de um seu amigo, potentado no norte de Minas, o coronel Franco, que já conversara com o coronel Fulgêncio, que estava de acordo. Obrigado coronel Franco! Obrigado coronel Fulgêncio! Minha Mãe, no seu juízo, respondeu ao Pai que Arassuaí, não. De jeito nenhum. Ela continuaria lutando para se manter num lugar onde os filhos pudessem se educar e ser gente. O Major teve o bom caráter de concordar, de dar razão à filha. Coitado do Major! Teria de continuar a aguentar a

carga que Deus lhe dera devolvendo-lhe a filha viúva. Eu soube dessa história muito pouco tempo antes da morte de minha Mãe. Quando ela me contou o caso tive uma espécie de visão do que seria nossa vida na aspreza daquele cu do mundo. Citadinos transportados para a roça, seríamos sempre olhados de lado como todo estranho que chega em cidade mineira, mesmo que mineiro seja. Já nos acontecera assim em Belo Horizonte e só anos decorridos é que o Bar do Ponto, a rua da Bahia, a Boa Viagem, a Santa Casa, o *Clube Belo Horizonte* e o *Cinema Odeon* tinham permitido nossa incorporação. Imagine-se agora Arassuaí. Uma viúva pobre e carregada de filhos. E que teríamos? naquela cidade, senão passeá-la aos domingos, apreciando a beleza da casa do dr. Túlio Hostílio, da Matriz, da rua Direita, a perspectiva chiriquiana das portas do Mercado, o encontro dos dois rios e o porto de barcas do velho Calhau... Ai! de nós pedras soltas, seixos, que rolaríamos no burgo perdido, cercados pelos serrotes das Candongas, do Piauí, do Jatobá; encarcerados ao norte, por Fortalezas e Salinas, ao sul, por Teófilo Otoni, ao leste, por Jequitinhonha, ao oeste por Grão-Mogol. Jamais sairíamos dali, venerando o senhor bispo dom Serafim, cumprimentando baixo os Fulgêncio, os Jardim, os Murta, os Paulino, os Gusmão; interessados nada mais que no caracu, no indiano, no junqueira, sonhando com vagas abastanças na labuta da água-marinha ou dos cristais. Depois duma vida de viola e cachaça para mim e meus irmãos, de beatério e costura para minhas irmãs — nossos ossos acabariam num canto qualquer da Itinga, do Pontal, do Comercinho ou do Bom Jesus do Lufa. Estremeci de medo retrospectivo naquela tarde de laranjeiras em que minha Mãe contou essa aventura por pouco realizada. Como o Raposão, com o da titi, tive uns longes desejos de ir a São João Batista para apedrejar, também, o mausoléu do Major que só por um acaso, um nada, uma palavra de nossa Mãe, deixou de abrir sua mão para nos soltar no vácuo. Depois esqueci e retomei os contornos que eu já petrificara dentro de mim do avô pitoresco, errante, entretanto estimável...

Mas como eu ia dizendo, minha Mãe voltou a pensar em ser funcionária pública. E citava o exemplo de sua contemporânea Alice Lage, de Juiz de Fora — e olhem! que a Alice era filha dos viscondes de Oliveira e nora de Mariano Procópio — que se vira na contingência de ensinar canto, piano, e depois de ser a primeira mulher brasileira funcionária, nomeada no governo Hermes para o Ministério da Agricultura. Tudo

isto porque ficara reduzida a nada, quando lhe morreu o esposo fazendeiro. Ora, sua fazenda — a melhor do Paraibuna — estava hipotecada a um filantropo de Juiz de Fora, seu contraparente, que fizera executar a viúva “poucos dias após a morte” do marido, apoderando-se da propriedade rural e mais o rol do que se incluía como penhor da dívida: “objetos particulares, móveis, louças, cristais etc.”. Novo parêntese. Quando minha Mãe contava essa história eu pensava que ela estava repetindo exageros da má vontade de minha avó contra o credor implacável. Mas não! meus senhores. Ela estava contando certinho conforme apurei depois, ouvindo o caso, em todos seus detalhes, de Roberto Lage, filho de Alice e Frederico Ferreira Lage, tornado meu afim por seu casamento com minha prima Maria Adelaide Horta (Tita). Mesmo recebi dele o livro de Wilson de Lima Bastos (de quem tirei o que antes pus entre aspas) onde a coisa vem tim-tim por tim-tim — inclusive com o nome do beneficiário da hipoteca. Negócios são negócios.* Mas voltemos a minha Mãe... Ela conversou sobre a ideia de tornar-se funcionária com sua companheira de infância Julina Rosa França (filha do dr. Rosa da Costa, do *Bau de ossos*) que era casada com Lafaiete França. Essa falou ao marido sobre o desejo da amiga, ele escreveu o caso ao juiz-forano Antônio Nogueira Penido, que era então diretor-geral dos Telégrafos e que não tendo nada a recusar ao Lafaiete — nomeou minha Mãe para sua repartição, como auxiliar de estações, com a diária de quatro mil-réis. Eram cento e vinte por mês e isso era quantia naquela ocasião. Diga-se desde já que as voltas do mundo, vinte e dois anos depois, fariam de mim genro do dito Antônio Penido.

Nunca minha Mãe abriu o bico, jamais fez a menor censura às omissões e passagens para trás que sempre sofrera dos pais e das irmãs. Aos primeiros, por princípio não discutia, às segundas sempre serviu com dedicação exemplar. Que devia perceber, devia, justamente por ser a mais inteligente e mais fina da sua família. Tenho a impressão de que não passava recibo porque estava na situação dos doentes que querem se iludir com o próprio estado, que fingem acreditar nos circunstantes, no médico e que acabam acreditando mesmo que estão ótimos. Filha

* Wilson de Lima Bastos, *Mariano Procópio Ferreira Lage/ sua vida/ sua obra/ sua descendência*. Juiz de Fora: Edições do Caminho Novo, 1961.

exemplar e irmã admirável, minha Mãe recalcaria suas queixas para poder manter intacta a adoração que tinha pelo Major, pela inhá Luísa e a profunda amizade que dedicava às irmãs. Via, entendia, apagava e esquecia. Decerto que era querida pelas irmãs — porque devia ser assim e queria que fosse assim. Então fazia de conta que era. Só a vi perder as estribeiras uma vez, justamente a propósito de sua nomeação, quando recebeu da absentíssima tia Bertha carta em que esta advertia sua irmã sobre seu desejo de colocar-se. Estava certo que o fizesse mas que devia tratar de *arranjar emprego que não envergonhasse a família*. Minha Mãe leu a missiva baixo, para si mesma, e depois para nós, em voz alta. Vocês já viram? maior desaforo que este, da Tanzinha. Logo quem? querendo me traçar normas de vida. A que me deve mais favores. O pai de vocês foi médico de graça da família do *Bicanca*, os anos todos que moramos em Juiz de Fora. Ele e eu demos sempre de favor cômodo da nossa casa da rua Direita para o Antônio pôr consultório dentário. Fui enfermeira da Stella, ajudei seu pai a salvar sua vida e peguei dela a infecção puerperal que quase me matou... Nada disto conta e agora me vem o desaforo desta carta. Dá vontade de responder que emprego que envergonha família só conheço o de biraia. Ela vai ver o que vou lhe escrever de poucas e boas. Não escreveu. Rasgou as letras da mana. Passou a raiva. Esqueceu, por sua vez, os desmemoriados de Juiz de Fora e pouco tempo depois chegavam a Laliza e tia Bertha para passar uns tempos na Serra. Espairecer, porque aquilo lá estava d'uma choqueira... O Constantino? Fora para a *Creosotagem*. Ia ficar com o Antônio. Fazerem caçada juntos com as matilhas recebidas de São Paulo. Fora ideia do Joãozinho, só para quebrarem a castanha na boca do dr. Penido que pensava que só ele é que tinha cachorrada boa no Paraibuna inteiro. Evidente que minha Mãe recebeu a irmã e a sobrinha muito bem. A raiva passara e a impertinência já não contava. Aliás seria sempre assim. Minha tia continuou pelo futuro a usar e abusar da bondade de minha Mãe — sistematicamente chamada pela irmã — deixando assim de atender a si e aos filhos — quando no Juiz de Fora havia desaguisado, guerra entre Santo Antônio e rua Direita, entre rua Direita e Creosotagem, entre Creosotagem e Santo Antônio. Quando sucedia vexame, doença ou festa enguiçada — como foram as bodas de ouro do Paletta, a cujo jantar só compareceu a filha mais moça com o marido. As duas mais velhas, seus cônjuges e filhos esnobaram o cinquentenário do casamento dos pais e

avós. Minha Mãe referia seu assombro, quando percebera o “dr. Paletta” chorando, à sobremesa...

Mas já ia chegando o fim de 1921 e era época de começar a cavação para os exames. Era hábito dos estudantes da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte levarem o curso na flauta até às férias do meio do ano. Garantia-se apenas a frequência e ia-se remanchando um estudozinho no mole. No mês de agosto começava a virada das leituras até de madrugada, durante o dia, a cada instante que se tinha livre. Nada de cinemas, Bar do Ponto, negras, perda de tempo. Eu acompanhava com cuidado os trabalhos práticos, tomava minhas notas, fazia meus pontos e principalmente — segundo o salutar conselho do dr. João de Freitas — temia o Chiquinho que era inexorável nos exames. Erro, admitia, nenhum. Assim eu seguia mais atentamente sua matéria, estava bom na mineral, na orgânica, sabia de cor os princípios gerais de química filosófica do livrinho do padre Franca e graças a trabalho publicado na *Radium* por Antônio Carlos de Andrade Horta, a explicações e apontamentos que me fornecera o Chico Pires — eu estava uma autoridade em cálculo estequiométrico. Comecei a me tranquilizar e fiquei cheio de orgulho quando fui procurado pelo Isador e pelo Cavalcanti que queriam rever toda a matéria comigo até o fim do ano. Reuníamos-nos todas as noites em Caraça e atacávamos a matéria do Lisboa, do Pimenta, do Magalhães — de sete e meia da noite até às onze e meia. Era a hora dum café para espantar o sono, da conversinha mole, dos devaneios e pegávamos de novo até uma e meia, duas horas. Um lia, os outros escutavam. Lia vinte minutos, meia hora, passava o livro para o segundo, este para o terceiro.

Que fase deliciosa a desses estudos. De íntimo passei a intimíssimo do inigualável Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti. Muito novo, ele tivera de aumentar a idade, de pôr calças compridas, para fazer exame de admissão — com quinze anos incompletos. Cumprira-os já matriculado, no dia 1º de março de 1921. Na época desses nossos estudos conjuntos eu tinha três anos mais do que ele mas, se eu lhe dava aulas de química ele, muito precoce, dava-me lições de vida. Mas nesse sentido nós dois ainda éramos discípulos do Isador que nos intervalos do estudo e ao café tinha sempre uma sem-vergonhice para contar.